

Conhecimentos e práticas sobre fitoterapia entre graduandos da área da saúde: Um estudo transversal

Phytotherapy knowledge and practices among health care undergraduates: A cross-sectional study

Conocimientos y prácticas de fitoterapia entre los estudiantes de pregrado en salud: Un estudio transversal

Recebido: 07/07/2021 | Revisado: 12/07/2021 | Aceito: 15/07/2021 | Publicado: 25/07/2021

Evanilza Maria Marcelino

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0589-2290>

Prefeitura Municipal de Equador, Brasil

E-mail: isamaria.ufcg@gmail.com

Malena Aparecida da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2203-0596>

Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Capibaribe, Brasil

E-mail: malena_xo@hotmail.com

Viviany Azevedo Gomes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7991-6745>

Voluntária do Programa de Educação Tutorial, Brasil

E-mail: vivianyazevedo99@gmail.com

Rodrigo Pinheiro Fernandes de Queiroga

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0642-6382>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: rodrigopfq@gmail.com

Saulo Rios Mariz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7988-9516>

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

E-mail: sjmariz22@gmail.com

Resumo

Objetivo: Avaliar o conhecimento e práticas em Fitoterapia entre os discentes da área da saúde em Campina Grande – PB. **Metodologia:** Estudo transversal do tipo exploratório e descritivo, realizado por meio de questionário apropriado. Após análise estatística descritiva, utilizou-se os testes Qui-quadrado e exato de Fischer para avaliar a existência de associações entre as variáveis, com nível de significância de 5%. **Resultados:** Entre os entrevistados (n=214), a maioria já havia usado alguma planta medicinal ou derivado (68,7%) e não possuía formação em fitoterapia (89%). Entre os discentes da segunda metade dos cursos, há maior uso de fitoterápicos (78,9% x 63,6%); e aqueles que utilizam fitoterápicos também os recomendam mais para terceiros (87,8%) do que para quem não utiliza (52,6%). Sobre o comportamento de “indicar a fitoterapia”, esta é realizada mais por discentes que não são naturais de Campina Grande (56,5% x 40,7%) e que participaram de alguma formação na área (66,7% x 43,4%). **Conclusão:** Os discentes entrevistados possuem um perfil, em termos de práticas e saberes sobre fitoterapia, muito parecido com a população em geral, o que ressalta a importância de desenvolver estratégias de abordagem da fitoterapia entre estudantes da área da saúde.

Palavras-chave: Fitoterapia; Estudantes de ciências da saúde; Plantas medicinais; Ensino.

Abstract

Objective: Evaluate the knowledge and practices in Phytotherapy among students in the health area in Campina Grande - PB. **Methodology:** Cross-sectional exploratory and descriptive study, carried out using an appropriate questionnaire. After descriptive statistical analysis, the Chi-square and Fisher's exact tests were used to assess the existence of associations between the variables, with a significance level of 5%. **Results:** Among the interviewees (n=214), most had already used some medicinal plant or derivative (68.7%) and had no training in herbal medicine (89%). Among students from the second half of the courses, there is a greater use of herbal medicines (78.9% vs. 63.6%); and those who use herbal medicines also recommend them more to third parties (87.8%) than to those who do not use them (52.6%). Regarding the behavior of "indicating phytotherapy", this is performed more by students who are not natives of Campina Grande (56.5% x 40.7%) and who participated in some training in the area (66.7% x 43.4%). **Conclusion:** The interviewed students have a profile, in terms of practices and knowledge about phytotherapy, very similar to the general population, which highlights the importance of developing strategies to approach phytotherapy among students in the health field.

Keywords: Phytotherapy; Health science students; Medicinal plants; Teaching.

Resumen

Objetivo: Evaluar los conocimientos y prácticas en Fitoterapia entre estudiantes del área de salud de Campina Grande - PB. **Metodología:** Estudio transversal, exploratorio y descriptivo, realizado mediante un cuestionario adecuado. Después del análisis estadístico descriptivo, se utilizaron las pruebas de Chi-cuadrado y exacta de Fisher para evaluar la existencia de asociaciones entre las variables, con un nivel de significancia del 5%. **Resultados:** Entre los entrevistados (n = 214), la mayoría ya había usado alguna planta medicinal o derivado (68,7%) y no tenía formación en fitoterapia (89%). Entre los estudiantes de la segunda mitad de los cursos, hay un mayor uso de medicamentos a base de hierbas (78,9% vs 63,6%); y quienes usan medicamentos a base de hierbas también los recomiendan más a terceros (87,8%) que a quienes no los usan (52,6%). En cuanto al comportamiento de "indicar fitoterapia", este lo realizan más los estudiantes que no son oriundos de Campina Grande (56,5% x 40,7%) y que participaron de alguna formación en la zona (66,7% x 43,4%). **Conclusión:** Los estudiantes entrevistados tienen un perfil, en cuanto a prácticas y conocimientos sobre fitoterapia, muy similar al de la población general, lo que resalta la importancia de desarrollar estrategias para abordar la fitoterapia entre los estudiantes del campo de la salud.

Palabras clave: Medicina herbaria; Estudiantes de ciencias de la salud; Plantas medicinales; Enseñanza.

1. Introdução

Nos últimos anos, não somente no Brasil como em todo o mundo, a fitoterapia tem assumido um lugar de destaque como prática integrativa e complementar de saúde no âmbito da atenção primária, seja pela sua importância popular adquirida ao longo do tempo, ou pela sua eficácia quando cientificamente comprovada. Essa expansão intensificou-se a partir do reconhecimento do uso da Medicina Tradicional nos sistemas de saúde e da preconização de políticas públicas relacionadas com a temática, entre elas, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), atualmente, já na sua segunda edição (Brasil, 2016; Brasil, 2006; Reis *et al.*, 2014).

O objetivo da PNPMF é de "(...) garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos, promovendo o uso sustentável da biodiversidade, o desenvolvimento da cadeia produtiva e da indústria nacional" (Brasil, 2016). Sendo assim, a política propõe como diretrizes: promover e reconhecer as práticas populares e tradicionais de uso de plantas medicinais e remédios caseiros; inserir plantas medicinais, fitoterápicos e serviços relacionados à Fitoterapia no Sistema Único de Saúde (SUS) com segurança, eficácia e qualidade; desenvolver instrumentos de fomento à pesquisa, tecnologias e inovações em plantas medicinais e fitoterápicos, entre outras (Anvisa, 2016; Brasil, 2006; Brasil, 2018).

Vale ressaltar, de igual modo, que um dos princípios orientadores da PNPMF é a ampliação das opções terapêuticas e melhoria da atenção à saúde aos usuários do SUS, principalmente no âmbito da atenção primária. Atualmente, há registro de 2.160 Unidades Básicas de Saúde (UBS) em nosso país que disponibilizam fitoterápicos ou plantas medicinais, sendo que 260 UBS disponibilizam plantas *in natura*, 188 fornecem a droga vegetal, 333 trabalham com o fitoterápico manipulado e 1.647 UBS disponibilizam fitoterápicos industrializados (Brasil, 2018).

Contudo, apesar da inclusão e fortalecimento da temática fitoterapia na atenção primária, principalmente por meio dessas políticas públicas no SUS, ainda não há garantias efetivas de acesso da população a fitoterápicos eficazes e seguros. Isso acontece devido ao fato de a implementação da fitoterapia no SUS ainda encontrar resistência na aceitação e uso por parte de profissionais e gestores de saúde (Couto *et al.*, 2018; Monte *et al.*, 2021; Santos *et al.*, 2011).

Este fato é confirmado por vários estudos que relataram não somente a necessidade de inclusão do conteúdo de plantas medicinais e fitoterapia na formação em Saúde, mas também, de novas didáticas para a inserção do tema e efetivação da Política Nacional, assegurando o uso dessa prática integrativa e complementar e o acesso a todos os benefícios que ela traz à saúde (Baéz *et al.*, 2013; Morales, Min & Teixeira, 2015; Martins *et al.*, 2018; Farias *et al.*, 2017).

Neste cenário, a formação acadêmica na área de saúde e em nível superior caracteriza-se como um momento ideal para a informação e sensibilização desses futuros profissionais para as PICS, sobretudo a Fitoterapia, viabilizando sua

inserção na realidade dos serviços de saúde no âmbito da atenção primária. Dessa forma, o presente estudo objetiva avaliar as práticas e saberes em fitoterapia de estudantes da área de saúde em uma Universidade pública de Campina Grande (PB), bem como identificar as principais barreiras encontradas pelos discentes na implantação efetiva dessa prática na formação acadêmica.

2. Metodologia

Foi realizado um estudo exploratório, descritivo, de caráter quantitativo e do tipo transversal, mediante a aplicação de um questionário estruturado a estudantes dos cursos de Enfermagem, Medicina e Psicologia do Centro de Ciências Biológicas da Saúde (CCBS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Paraíba, no período de maio a julho de 2018. A abordagem por meio da pesquisa quantitativa permite não apenas a quantificação dos resultados a partir de procedimentos estatísticos, mas a análise objetiva destes, sendo as amostras possíveis representantes de toda uma população alvo (Pitanga, 2020).

Foi estabelecida uma amostra de conveniência composta por 214 discentes de todos os cursos da área da saúde do CCBS que estivessem dentro dos critérios de inclusão, sendo 88 do curso de Enfermagem, 39 do curso Medicina e 87 do curso de Psicologia. Este número representa 22,9%, de todos os 933 estudantes do CCBS-UFCG matriculados no período letivo 2018.1.

Os critérios de inclusão dos participantes foram: estar matriculado em um dos 3 cursos de graduação do CCBS-UFCG; estar presente em sala de aula no momento da aplicação do questionário, bem como, concordar em participar voluntariamente da pesquisa mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário semiestruturado composto por duas partes: a primeira abrange o perfil acadêmico e socioeconômico do estudante; e a segunda contempla questões sobre conhecimento e práticas em Fitoterapia e plantas medicinais. Importante ressaltar que não foi encontrado na literatura um instrumento específico disponível para avaliar o conhecimento e atitudes de estudantes com relação à fitoterapia ou às terapias complementares.

Posteriormente, os dados foram tabulados em planilha do *Excel* 2016 e analisados pelo *software Stata* 12, com apresentação de frequências absolutas e relativas. Além disso, foram utilizados os testes Qui-quadrado e exato de Fischer para avaliar a existência de associações entre as variáveis, com nível de significância de 5%.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP do Hospital Universitário Alcides Carneiro - HUAC de Campina Grande-PB, conforme protocolo nº 2.618.949/2018.

3. Resultados

Os sujeitos de pesquisa (n=214) que compuseram a amostra do presente estudo apresentaram o seguinte perfil socioeconômico: em sua maioria, são do gênero feminino (71,5%), com faixa-etária entre 18 a 22 anos (76,2%), solteiros (91,6%) e com renda familiar entre 1 a 3 salários-mínimos (SM) (54,2%) ou superior a 3 SM (27,6%). Quando necessitam de assistência à saúde, em sua maioria (61,2%), os entrevistados utilizam os serviços do SUS (Tabela 1).

Quanto à maior prevalência do gênero feminino (71,5%), vários estudos analisados demonstraram resultados semelhantes (ANDIFES, 2016; Rutkanskis & Cruz-Silva, 2009). Isso poderia ser explicado, simplesmente, por uma predominância do gênero feminino na população em geral, inclusive na Paraíba. Entretanto, conforme o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, a predominância da população feminina em Campina Grande não era tão intensa, sendo estimada em 203.008 mulheres, o que representava aproximadamente 52,7% do total da população de 385.213. Segundo os dados publicados pelo Diário Oficial da União entre os anos de 2016 e 2017, esse número tenha crescido apenas 0,65% (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010; Brasil, 2017).

Além disso, na distribuição por gênero entre universitários de instituições federais de ensino, no ano de 2014, o feminino predominava, mas apenas com 50,58% (Andifes, 2016). Todavia, considerando apenas a área de Ciências da Saúde, a prevalência de universitárias nordestinas em 2014 sobe para 66,64%; assim, não seria estranho supor que esse dado reflita tanto no fato de que as mulheres estão cada vez mais inseridas no ambiente acadêmico, mas também quanto no fato de que elas parecem ter um interesse especial pelos cursos da área de saúde.

Tabela 1: Frequência dos entrevistados quanto ao perfil socioeconômico e acadêmico. CCBS – UFCG, 2018.

VARIÁVEL	CATEGORIAS	N	%
GÊNERO	Feminino	153	71,5
	Masculino	60	28
	Outros	1	0,5
IDADE	18 a 22 anos	163	76,2
	23 a 29 anos	35	16,4
	>30 anos	16	7,5
NATURALIDADE	Campina Grande – PB	145	67,7
	Outras localidades	69	32,3
ESTADO CIVIL	Solteiros (as)	196	91,6
	Casados (as)	13	6,1
	Divorciados (as)	1	0,5
	União Estável	4	1,9
RENDA FAMILIAR (1 salário mínimo = 957,00 R\$)	Até 1 salário mínimo (SM)	39	18,2
	1 a 3 SM	116	54,2
	> 3 SM	59	27,6
SERVIÇOS DE SAÚDE	SUS	131	61,2
	Plano de Saúde	49	22,9
	SASSE - PE	1	0,5
	SUS e Plano de Saúde	33	15,4
CURSO	Enfermagem	88	41,1
	Medicina	39	18,3
	Psicologia	87	40,6
PERÍODO DO CURSO	Primeiros anos	143	66,8
	Últimos anos	71	33,2

1. SASSE – PE é um Sistema de Assistência à Saúde dos Servidores específico aos servidores do Estado de Pernambuco.
 2. Primeiros anos de graduação compreende: do primeiro ao quinto período para os cursos de Enfermagem e Psicologia, e do primeiro até o sexto para Medicina.
 3. Os últimos anos de graduação compreende do sexto ao décimo para os cursos de Enfermagem e Psicologia, e até o décimo segundo para Medicina.
- Fonte: Autores (2021).

A faixa-etária predominante apresentou-se dentro do esperado e de acordo com os resultados de outros estudos semelhantes (Morales, Min & Teixeira, 2015; Feitosa *et al.*, 2016). Apenas se diferenciou da publicação do estudo de Santana *et al.* (2008), no qual esse parâmetro predominou entre os jovens de 21 a 24 anos.

Segundo pesquisa publicada no ano de 2016, intitulada “IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior brasileiras”, realizada no ano de 2014, foi constatado que houve mudanças no perfil dos estudantes, principalmente na região Nordeste, embora as fortes políticas de inclusão e expansão no ensino superior tenha aumentado discretamente o ingresso da população mais carente em cursos considerados pela população como exclusivamente elitista (Andifes, 2016).

A maior predominância de jovens naturais de Campina Grande (67,7%) é um dado que deve ser analisado com cuidado, pois, apesar de menos prevalente, é considerável o percentual de estudantes fora de Campina Grande (32,3%), o que reforça o papel desse município como polo educacional para toda uma região do interior do nordeste brasileiro. Segundo o Jornal G1, Campina Grande é o segundo mais importante centro universitário da Paraíba, contando com vinte e uma universidades e faculdades, sendo apenas três públicas. Foi estimada a taxa de 73,91 pessoas com título de doutorado para cada cem mil habitantes. O dado coloca o estado na liderança do ranking do Nordeste traçado pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, com base na plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O levantamento é referente a dezembro de 2013. Em números absolutos, o estado fica em terceiro na região com 2.784 doutores (G1, 2014).

Sobre o estado civil, o solteiro foi predominante (91,6%), como já esperado e semelhante a pesquisas com graduandos nordestinos de instituições federais em 2014 (85,97%) e em outros estudos (Farias *et al.*, 2017). A caracterização dos graduandos segundo o estado civil e a região de localização das IFES é, em média, de caráter independente. Quanto a isso, 86% dos graduandos são solteiros, 9% casados, 4% têm união estável, 1,2% é de separados e 0,13% de viúvos, segundo pesquisa da Andifes (2016).

A renda familiar dos entrevistados se apresenta inferior à realidade da região e assemelha-se com estudo realizado por Rutkanskis e Cruz-Silva (2009), uma vez que 72,4% dos entrevistados nessa pesquisa declararam uma renda de até 3 salários-mínimos, enquanto que, nessa categoria, apenas 63,94% dos universitários nordestinos no ano de 2014 declararam a mesma renda (Andifes, 2016).

Já sobre o tipo de serviço de saúde que utilizam, a maioria (61,2%) depende exclusivamente da rede pública, ou seja, do SUS. Somando-se todos os que utilizam o SUS, embora não somente, essa maioria sobe para 76,6%. Tal fato, associado à renda familiar predominante, mostra que a instituição em questão abrange jovens oriundos de famílias que podem ser consideradas de baixa renda. Nesse contexto, parece estratégico propor que a inserção da fitoterapia, bem como de outras PICS na rede pública, seja um aspecto importante a ser considerado no PPC de cada curso, bem como no cotidiano da formação desses futuros profissionais de saúde.

A Tabela 2 apresenta a frequência relativa das plantas medicinais conforme seus relatos de uso pelos entrevistados, sendo permitida a citação de mais de uma espécie por entrevistado.

As plantas mais citadas pelos universitários foram: Boldo (18,6%), Camomila (7,1%), Babosa (2,4%) Hortelã (2,3%) e Gengibre (2,3%). De modo semelhante, essas mesmas espécies também foram citadas como mais prevalentes em outros estudos (Santos *et al.*, 2011; Santos *et al.*, 2019; Rutkanskis & Cruz-Silva, 2009).

Tabela 2: Distribuição percentual das plantas medicinais utilizadas pelos sujeitos de pesquisa. CCBS – UFCG, 2018.

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	%	FINALIDADES DE USO
Alho	<i>Allium sativum</i>	0,4%	Controle da pressão arterial, gripes e resfriados.
Barbosa	<i>Aloe Vera</i>	2,4%	Tratamento de feridas e estética.
Boldo	<i>Peumus boldus</i>	18,6%	Desconfortos gastrointestinais
Cajueiro Roxo	<i>Anacardium occidentale</i>	0,9%	Anti-inflamatório, laxante e expectorante.
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i>	7,1%	Calmante e distúrbios do sono
Canela	<i>Cinnamomum verum</i>	1,4%	Diminuição do apetite e problemas respiratórios
Cânfora	<i>Cinnamomum camphora</i>	0,4%	Descongestionante nasal e antisséptico.
Capim Santo	<i>Cymbopogon citratus</i>	1,4%	Calmante e tratamento da ansiedade
Casca de Romã	<i>Punica granatum</i>	1,4%	Infecções da garganta, tosse, febre e gripe
Chuchu	<i>Sechium edule</i>	0,4%	Controle da pressão arterial
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i>	0,4%	Desconfortos gastrointestinais
Colônia	<i>Alpinia speciosa</i>	1,4%	Tosse, febre e gripe
Erva Cidreira	<i>Melissa officinalis</i>	0,9%	Bem-estar geral
Erva Doce	<i>Pimpinella anisum</i>	0,4%	Calmante e distúrbios do sono
Eucalipto	<i>Eucalyptus</i>	0,4%	Tosse, febre e gripe
Folha de Abacateiro	<i>P. americana</i>	0,4%	Infecções renais
Folha de Goiabeira	<i>Psidium guajava L.</i>	1,4%	Desconfortos gastrointestinais
Folha de Pitanga	<i>Eugenia uniflora L.</i>	0,9%	Desconfortos gastrointestinais
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i>	2,3%	Náuseas, enjoos e dores estomacais
Guaco	<i>M. glomerata</i>	0,4%	Expectorante
Hipérica	<i>Hypericum perforatum</i>	0,4%	Tratamento de depressão, ansiedade e tensão.
Hortelã	<i>Mentha</i>	2,3%	Problemas respiratórios e gripe
Malva	<i>Malva sylvestris</i>	0,4%	Prisão de ventre e dores de garganta
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>	0,9%	Anti-inflamatório e cicatrizante
Mel	-	0,4%	Antioxidante e probiótico
Noz Moscada	<i>Myristica fragrans</i>	0,4%	Problemas respiratórios e gástricos
Óleo de Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i>	0,9%	Sistema imunológico, respiratório e problemas renais.
Ora-pro-nóbis	<i>Pereskia aculeata</i>	0,4%	Anti-inflamatório e cicatrizante
Tanchagem	<i>Plantago major</i>	0,4%	Sistema imunológico e anti-inflamatório
Seakalm	<i>Passiflora</i>	0,9%	Ansiedade, agitação nervosa e insônia
Quebra Pedra	<i>Phyllanthus niruri</i>	0,4%	Cálculos renais e problemas gastrointestinais

Fonte: Autores (2021).

4. Discussão

A realidade acerca dos conhecimentos e práticas de discentes sobre Fitoterapia, bem como a necessidade de se inserir esta temática na graduação também foram demonstradas nos estudos de Reis *et al.* (2014), Lie e Bocker (2006) e Yildirim *et al.* (2010), realizados com profissionais discentes da modalidade pós-graduação.

Coerentemente, políticas públicas também reforçam a inserção da prática e, conseqüentemente, aumentam as possibilidades de se trabalhar com esta temática numa maior frequência e qualidade no setor público. Visto que, ainda nos estudos já citados, mais da metade dos Cirurgiões-Dentistas (61,9%) consideraram viável a inserção dos fitoterápicos no tratamento auxiliar ou principal de patologias bucais, contudo, poucos relataram prescrevê-los (12,4%) ou questionaram durante a consulta o uso de fitoterápico(s) pelos seus pacientes (36,2%) (Reis *et al.*, 2014; Lie & Bocker, 2006; Yildirim *et al.*, 2010).

Em relação às características acadêmicas dos entrevistados neste estudo, a amostra analisada era composta, principalmente, por discentes dos cursos de Enfermagem (41%) e Psicologia (41%) e, sobretudo, por aqueles matriculados na primeira metade (primeiro ao quinto período) do curso (66,8%).

É importante ressaltar como possível explicação para o baixo número de estudantes de Medicina entrevistados, que apenas os discentes dos três primeiros períodos desse curso estão com todas as suas atividades acadêmicas nas instalações do CCBS-UFMG, portanto, para tornar a amostra mais homogênea quanto ao curso, faz-se necessária uma busca ativa por esses discentes em outros espaços acadêmicos, tais como no Hospital Universitário “Alcides Carneiro” (HUAC) e em outros serviços de saúde que se constituem como campo de estágio e atividades práticas para o curso de Medicina.

A maior predominância de discentes matriculados na primeira metade dos cursos em questão talvez se explique pelo fato de que nos ciclos básico e intermediário, esses jovens estejam mais presentes em aulas teóricas. Portanto, agrupados ainda em turma completa, visto que no ciclo profissional de cada curso, as atividades de estágio os fazem se dispersar em pequenos grupos que se revezam entre os vários serviços de saúde.

Sobre atitudes em relação à fitoterapia, predominam os que já relataram ter usado alguma planta medicinal ou derivado (68,7%). Esse comportamento repete-se em outros estudos com a mesma temática de pesquisa, nos quais 73% e 79% dos entrevistados utilizavam plantas medicinais para fins terapêuticos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010; França *et al.*, 2007). O elevado percentual de utilização citado pelos estudantes neste estudo e nos estudos citados demonstram que “o natural não faz mal” referindo ainda está enraizado na conduta dos discentes.

Embora ainda haja poucos estudos de comprovação científica a respeito das propriedades de muitas plantas medicinais, grande parte dos estudantes realiza o uso de forma irracional, mesmo sendo universitários com amplo acesso a informações do meio científico, visto que poucos entrevistados possuem o hábito de pesquisar a existência de respaldo científico sobre a eficácia dos produtos que costumam utilizar, como constatado nas formas de obtenção de informação da pesquisa de França *et al.* (2017).

Com relação aos fins terapêuticos predominantes, foi possível encontrar, tanto na presente pesquisa quanto nos estudos de Santos *et al.* (2011), Santos *et al.* (2019) e Rutkanskis e Cruz-Silva (2009), maior percentual (34,5%) de utilização das plantas e dos fitoterápicos para tratar sintomas ligados a enfermidades do trato respiratório (tosses, gripes, febres, asma e resfriados), seguidos (22,4%) das desordens psicológicas (ansiedade, depressão e distúrbios alimentares e do sono) e, por fim, (20,7%) para tratar problemas gastrointestinais (desconfortos gerais, diarreia, laxantes, enjoos e náuseas, prisão de ventre).

Entre as plantas citadas pelos estudantes, o alho, a babosa, o gengibre, as folhas da goiabeira, a camomila e o boldo possuem atualmente suas propriedades terapêuticas comprovadas cientificamente. O gengibre, por exemplo, possui

propriedades antieméticas e é antidispéptico, enquanto a goiabeira é indicada para tratamento de diarreia aguda não infecciosa e enterites por rotavírus (Brasil, 2006).

Quanto aos meios de informação utilizados pelos estudantes para fundamentar a prática, a principal fonte de informação baseava-se no conhecimento popular proferido entre familiares e amigos (55,6%). Já se esperava que a principal fonte de informação não fosse de origem acadêmica, como encontrado em outros estudos que também analisaram fontes de conhecimento sobre o tema (Morales, Min & Teixeira, 2015; Küllkamp *et al.*, 2007; Lima, Silva & Cury, 2019; Yildirim *et al.*, 2010). Outras fontes de informação menos prevalentes foram: profissionais de saúde (4,2%) e páginas na internet que atendiam a critérios científicos (0,5%). Destaca-se que 15% utilizavam uma variedade de combinações dos outros diversos meios citados.

No que concerne à frequência com que utilizam esses produtos, o destaque foi para a resposta “sempre que preciso”, com 46,2% dos relatos, e “uso raramente” com 17,2%. Esse dado se constitui como forte indício de que esse comportamento não esteja subordinado a uma regularidade temporal, para a grande maioria dos entrevistados, corroborando com outros estudos acerca da mesma temática (Correa, Soares & Muccillo-Baisch, 2018; Küllkamp *et al.*, 2007).

Tal comportamento é observado também nos estudos de França *et al.* (2007) e Rutkanskis e Cruz-Silva (2009), onde 79% dos participantes relataram já ter utilizado plantas medicinais, dos quais 73% dos entrevistados utilizam para fins terapêuticos, sendo as principais frequências de uso relatadas pelos acadêmicos entrevistados mais de uma vez por quinzena (21%), uma vez por mês (29%) e quando necessário (22%).

Quanto à variável formação na área, 89% dos entrevistados relataram não ter contato, até então, com algum embasamento científico sobre o tema. Os demais descreveram sua formação como conteúdo curricular optativo na graduação, minicursos durante simpósios/congressos e/ou vistos em outros componentes curriculares, como Farmacologia.

Além do relato da prática da fitoterapia ser expressiva, conforme já exposto, boa parte dos entrevistados admitiu indicar plantas medicinais e derivados para outras pessoas (45,8%). Isso parece ser um dado preocupante, pois tal comportamento carece de embasamento científico por parte dos discentes indicadores, afinal, majoritariamente, os entrevistados assumem que nunca tiveram qualquer tipo de formação em fitoterapia (89%) e predominam os que obtêm informações sobre o tema com familiares e amigos (55,6%).

No estudo de Morales, Min e Teixeira (2015), como resultado da ausência de informações sobre fitoterapia e outras práticas integrativas e complementares em saúde (PICS) nas universidades, a mídia e as experiências familiares surgem como as principais formas de obtenção de conhecimento, até mesmo para o jovem estudante da área, futuro profissional que irá protagonizar as ações de assistência em saúde, sobretudo na atenção primária.

Num estudo realizado com docentes de instituições públicas, 81,7% dos entrevistados concordam que é necessária a inclusão da Fitoterapia e das demais PICs nas grades de educação básica. Embora o tema não seja desenvolvido pela maioria dos docentes, 92,16% consideram importante sua difusão (Barboza *et al.*, 2020).

Quanto ao interesse dos estudantes em responder a pesquisa sobre Fitoterapia, foi observado uma resistência inicial comum à grande maioria dos participantes. Entretanto, ao serem esclarecidos sobre os benefícios da pesquisa, terminavam por concordar em participar. Essa dificuldade também foi encontrada por estudos semelhantes, os quais também afirmam que a maioria dos cursos de saúde não provê seus discentes de uma educação formal sobre terapias integrativas complementares em saúde (Baéz *et al.*, 2013; Reis *et al.*, 2014; Linard *et al.*, 2019).

Tanto em estudo realizado entre residentes de medicina (Linard *et al.*, 2019) quanto entre estudantes gerais das ciências da saúde (Farias *et al.*, 2017), quando perguntados sobre qual era a PIC mais utilizada por eles, a fitoterapia foi a mais citada em comparação com outras práticas da mesma categoria. Isto pode ser devido à sua maior aceitação popular e

realização de estudos científicos. O interesse dos discentes por fitoterapia e outras PICS foi variado entre os cursos, contudo, estes relataram ainda necessitar de um aprofundamento didático maior, já que estes não tinham em sua grade curricular a formação em PICS.

Da mesma forma, em pesquisa realizada entre estudantes do quinto ano de medicina, a fitoterapia também foi a mais citada. O autor evidencia que o processo formativo em Fitoterapia e outras PICS, principalmente no curso de medicina, se limita apenas em uma estratégia curricular estabelecida de forma fragmentada e dispersa. O que reflete a limitação de um conhecimento mais aprofundado e embasado cientificamente sobre as práticas, concluindo que este tema carece de uma fundamentação didática de qualidade (Baéz *et al.*, 2013).

A partir das associações estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre variáveis de pesquisa, pode-se afirmar que: os discentes da segunda metade usam mais fitoterápicos do que os da primeira metade dos respectivos cursos (78,9% x 63,6%), e aqueles que utilizam fitoterápicos também os recomendam mais para terceiros (87,8%) do que os que não utilizam (52,6%). Sobre a prática de “indicar a fitoterapia”, esta é realizada mais por discentes que não são naturais de Campina Grande, em comparação aos Campinenses (56,5% x 40,7%), que estão na segunda metade do curso (67,6% x 35,0%) e que participaram de alguma formação na área (66,7% x 43,4%).

Uma possível explicação para tal fato seria uma maior sensação de segurança na automedicação por esses jovens que, por estarem mais próximos de concluir seus respectivos cursos, já se sentiriam mais aptos tanto para usar plantas medicinais e/ou fitoterápicos quanto para indicar tais produtos para terceiros, tendo em vista que nos cursos de Medicina e Enfermagem do CCBS-UFCG, o primeiro contato geralmente se dá através da disciplina de Farmacologia e em Psicologia na oferta da disciplina “Fitoterapia” como componente curricular optativo.

Vale ressaltar que a principal limitação deste estudo é que ele representa experiências de estudantes de apenas uma instituição de ensino e não é generalizável para outras instituições, como no estudo de Morales, Min e Teixeira (2015), que utilizam o mesmo método. Além disso, existe a limitação própria de um estudo transversal, que descreve apenas os resultados encontrados no momento da pesquisa, sem acompanhamento das mudanças de vivência ao longo dos cursos.

Esses resultados enfatizam a importância do desenvolvimento de estratégias para a inserção do conteúdo Fitoterapia e outras PICS nos cursos de graduação do CCBS-UFCG, pois se considera que os profissionais de saúde devem possuir preparo para atuarem como protagonistas na inserção dessas abordagens terapêuticas nos serviços de saúde, sobretudo na atenção primária, colaborando assim para a efetivação das Políticas Nacionais de Fitoterapia e de Práticas Integrativas e Complementares.

Uma estratégia interessante e já bem conhecida no Brasil pelos interessados em Fitoterapia é o projeto intitulado “Farmácias Vivas”. Nele, estimula-se a associação entre saberes populares e conhecimento científico com vistas à promoção da fitoterapia racional, trabalhando-se o tema desde o plantio e cultivo da planta medicinal até a produção de medicamentos fitoterápicos com valor agregado. Nascido na Universidade Federal do Ceará (UFC), a ideia germinou e se espalhou por todo país. Recentemente, foi descrita no estudo de Martins *et al.* (2018), que relatou a experiência de estruturação de uma Farmácia Viva em uma cidade do Pernambuco como estratégia para recuperar saberes populares e tradicionais na área, discuti-los cientificamente para contribuir com a construção do conhecimento e para a divulgação de informações e formação em fitoterapia. Segundo os autores, a implantação desse projeto surgiu da necessidade de curricularizar as práticas emergentes dos projetos de extensão, com garantia da oportunidade de compartilhar as vivências com os estudantes que não participavam dos projetos, suscitando o interesse e demandando a oferta de disciplinas eletivas sobre fitoterapia nos cursos de saúde.

De igual modo, deve-se pensar em novas estratégias pedagógicas como, por exemplo, os Programas Educacionais do Ministério da Educação (MEC) e da Saúde (MS). No Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET Saúde /

MS), conforme editais específicos, os projetos aprovados podem incluir a temática da fitoterapia, enquanto tema interdisciplinar e multiprofissional, como oportunidade de aproximar os graduandos das ciências da saúde dos serviços assistenciais da área, estimulando os discentes a refletirem sobre as atuais práticas profissionais.

5. Considerações Finais

Os dados indicam que, apesar do tema Fitoterapia estar predominantemente ausente na formação dos entrevistados, essa prática é uma realidade entre os discentes, pois estes, além de utilizarem plantas medicinais e derivados, também sugerem o uso para outras pessoas, apesar de não recorrerem a fontes de informações científicas sobre este assunto.

Os discentes entrevistados possuem um perfil, em termos de práticas e saberes sobre fitoterapia, muito parecido com a população em geral, constatado em outros estudos semelhantes com usuários da atenção primária de Campina Grande – PB (Mariz *et al.*, 2020). Os fatores relacionados a tal comportamento estão sinalizados e podem ser subsídios para gestores educacionais trabalharem com vistas ao melhoramento contínuo, não somente de Projetos Pedagógicos de Cursos, mas como da própria vivência acadêmica, para que os futuros profissionais de saúde sejam capazes, de fato, de colaborarem com a implantação da fitoterapia na atenção primária em saúde.

Espera-se que, a partir dos dados apresentados, a presente pesquisa forneça subsídios para a discussão da necessidade de implantação de componentes curriculares com ênfase na temática Fitoterapia nos cursos de graduação da área da saúde, bem como fomenta outros estudos sobre o conhecimento e percepção de graduandos acerca do tema e também sobre a atuação de egressos do ensino superior em saúde, atuantes como profissionais, com relação à prática da fitoterapia no cotidiano de suas profissões.

Referências

- Andifes. (2016). Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior: IV *Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior brasileiras*. Brasília: Ministério da Educação. http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduando-das-IFES_2014.pdf.
- Anvisa. (2016). Agência Nacional de Vigilância Sanitária: *Memento Fitoterápico: Farmacopeia Brasileira* <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33832/2909630/Memento+Fitoterapico/a80ec477-bb36-4ae0-b1d2-e2461217e06b>.
- Báez L. O. P.; Díaz T. C. D.; Márquez L. J. M. & Acosta L. M. M. (2013). Regularidades del proceso formativo en Medicina Tradicional y Natural. Carrera de Medicina. Pinar del Río. *Rev. Ciencias Médicas*, 17(2): 149-158. http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S156131942013000200014&lng=es.
- Barboza A. C., Amador M. S. M., Gomes P. W. P., Brito J. S., Miranda T. G., Martins A. S., Pontes A. N. & Martins A. C. C. T. (2020). Percepção dos alunos a respeito do uso de plantas medicinais em escolas públicas de Salvaterra. *Biota Amazônia* 10(1):24-30. <https://periodicos.unifap.br/index.php/biota/article/view/4767>.
- Brasil. (2006). Portaria nº 971 de 3 de maio de 2006: *Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html.
- Brasil. (2016). *Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos*. Brasília: Ministério da Saúde. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_programa_nacional_plantas_medicinais_fitoterapicos.pdf.
- Brasil. (2018). *Plantas medicinais e fitoterápicos no SUS*. Brasília: Ministério da Saúde. <https://www.saude.gov.br/acoes-e-programas/programa-nacional-de-plantas-medicinais-e-fitoterapicos-ppnmpf/plantas-medicinais-e-fitoterapicos-no-sus>.
- Brasil. (2017). União, Diário Oficial Da. Portaria Interministerial Nº 281, De 25 De Agosto De 2017. <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=58&data=30/08/2017>.
- Correa N., Soares M. C. F. & Muccillo-Baisch A. L. (2018). Conhecimento do tema plantas medicinais e fitoterápicos como instrumento tecnológico na formação dos acadêmicos de enfermagem. *Vittalle – Revista de Ciências da Saúde*, 30(2):38-46. <https://periodicos.furg.br/vittalle/article/view/7496>
- Couto A., Binz M., Moraes A., Caetano B. & Cunha C. (2018). Conhecimento, uso e aceitação de acadêmicos de medicina sobre as práticas integrativas e complementares. *VITTALLE - Revista de Ciências da Saúde*, 30(1): 56-62. <https://periodicos.furg.br/vittalle/article/view/7448>.
- Farias A. D. M., Valiatti T. B., Oliveira A. A. & Salvi J. O. (2017). A Fitoterapia entre acadêmicos das ciências da vida. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, 11(9):198-213. <https://www.uninter.com/revistasauade/index.php/sauadeDesenvolvimento/article/view/786/469>.

- Feitosa M. H. A., Soares L. L., Borges G. A., Andrade M. M. & Costa S.M. (2016). Inclusion of Phytotherapy Content in Health Training Courses. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 40(2):197-20. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010055022016000200197.
- França A. C. M., Silva A. C. A., Silveira P. R., Barbosa A. P., Barbosa R. C. & Brum C. A. (2007). Avaliação do Conhecimento sobre as Plantas Mediciniais entre os Estudantes do Unileste, MG. *Revista Brasileira de Biociências*, 19(1):399-401. <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/403>.
- G1. (2014). João Pessoa: Wagner Lima. *Paraíba tem quase 72 doutores para cada cem mil habitantes, diz pesquisa*. <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2014/10/paraiba-tem-quase-72-doutores-para-cada-cem-mil-habitantes-diz-pesquisa.html>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Panorama: Campina Grande, Paraíba. Brasília. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>.
- Külkamp I. C., Burin G. D., Souza M. H. M., Silva P. & Piovezan A. P. (2007). Acceptance of non-conventional health practices by medicine students from the Universidade do Sul de Santa Catarina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 31(3):229-235. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022007000300005.
- Lie D. A. & Boker J. (2006). Comparative survey of Complementary and Alternative Medicine (CAM) attitudes, use, and information-seeking behaviour among medical students, residents & faculty. *BMC medical education*, 6(1):58. <https://link.springer.com/article/10.1186/1472-6920-6-58#citeas>.
- Lima L. S., Silva G. S. & Cury G. (2019). Percepções dos estudantes do curso de Farmácia da Universidade Federal de Alagoas na disciplina botânica aplicada à farmácia e seu conhecimento sobre plantas medicinais. *Revista Práxis*, 10(20):107-114. <http://moodlead.unifoa.edu.br/revistas/index.php/praxis/article/view/1293/2424>
- Linard J. G., Mattos S. M., Almeida I. L. S., Silva C. B. A. & Moreira T. M. M. (2019). Associação entre estilo de vida e percepção de saúde em estudantes universitários / Association Between Lifestyle and Health Perception in College Students. *J. Health Biol. Sci.* 7(4):374-381. <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/2797>.
- Mariz S. R., Juvino E. O. R. S., Silva, A. O., Andrade E. T. S. & Dantas, L. Q. (2020). O uso de plantas medicinais entre pacientes da atenção primária em saúde. *International Journal of Development Research*, 10. <https://www.journalijdr.com/o-uso-de-plantas-medicinais-entre-pacientes-da-aten%C3%A7%C3%A3o-prim%C3%A1ria-em-sa%C3%BAde>.
- Martins R., Pinto R., Senna S., Lima A., Mota C., Fontes D., Barros F. & Ximenes R. (2018). Estruturação do espaço farmácia viva na Universidade Federal de Pernambuco como estratégia para formação em fitoterapia. *VITTALLE - Revista de Ciências da Saúde*, 30(1): 182-191. <https://periodicos.furg.br/vittalle/article/view/7488>.
- Monte N. L., Melo M. C. S., Silva J. R. L., Queiroga R. P. F. & Mariz S. R. (2021). Práticas e saberes em Fitoterapia entre os profissionais de saúde de Unidades Básicas de Saúde no município de Campina Grande, PB. *Research, Society and Development*, 10(5). <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14928/13288>.
- Morales N. M., Min L. S. & Teixeira J. E. M. (2015). Atitude de Estudantes de Medicina frente a Terapias Alternativas e Complementares. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 39(2):240-245. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-55022015000200240&script=sci_abstract&lng=pt
- Pitanga A. F. (2020). Pesquisa qualitativa ou pesquisa quantitativa: refletindo sobre as decisões na seleção de determinada abordagem. *Revista Pesquisa Qualitativa* 8(17): 184-201. <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.299>
- Reis, L. B. M., Farias A. L., Bollella A. P., Silva H. K. M., Canuto M. I. C., Zambelli J. C. & Freire M. C. M. (2014). Conhecimentos, atitudes e práticas de Cirurgiões-Dentistas de Anápolis-GO sobre a fitoterapia em odontologia. *Rev. odontol. UNESP*, 43(5): 319-325. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180725772014000500319&lng=en.
- Rutkanskis A. M. R. A. & Cruz-Silva C. T. A. (2009). Utilização de plantas medicinais pelos acadêmicos da área da saúde da Faculdade Assis Gurgacz no município de Cascavel - PR. *Rev. Cultivando o Saber*, 2(4):69-85. https://www.fag.edu.br/upload/revista/cultivando_o_saber/59272b9f36e9c.pdf.
- Santana I. C., Ferreira L. C., Peruchetti D., Bachinsk N. & Scaramello C. B. V. (2008). Phytotherapeutic medicine use profile by college students from Grande Rio University (UNIGRANRIO). *Revista Brasileira de Farmacologia*, 89(4):311-314. http://www.rbfarma.org.br/files/pag_311a314_perfil_utilizacao.pdf.
- Santos R. L., Guimarães G. P., Nobre M. S. C. & Portela A. S. (2011). Análise sobre a fitoterapia como prática integrativa no Sistema Único de Saúde. *Rev. bras. plantas med.*, 13(4): 486-491. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722011000400014&lng=en. <https://doi.org/10.1590/S1516-05722011000400014>.
- Santos T. A. X., Terra M. F. M., Magaña K. B. D., Silva O. A. & Damasceno E. M. A. (2019). Conhecimento e uso de plantas medicinais por acadêmicos do curso de Farmácia. *Visão Acadêmica* 20(2):38-46. <https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/65783/38593>.
- Yildirim Y., Parlar S., Eyigor S., Sertoz O., Eyigor C., Fadiloglu C. & Uyar M. (2010). An analysis of nursing and medical students' attitudes towards and knowledge of complementary and alternative medicine (CAM). *Journal of clinical nursing*; 19(7-8):1157-1166. https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.13652702.2009.03188.x?casa_token=Im_9Yo0xQUAAAAA%3AAscXHz9bnQk4KbuG5aoFHZ23aeoz2PBzRoEQMX_ShggwaDouaKwf6X8U9EROSZf9LSdhVOHzKRQc59H.